

I CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENFERMAGEM DE SAÚDE MATERNA E OBSTETRÍCIA

PARTO E PARENTALIDADE – DESAFIOS E RESPOSTAS

COMUNICAÇÃO

A MATERNIDADE EM RECLUSÃO

**COIMBRA
22 OUTUBRO 2009**

isabel quelhas

A MATERNIDADE EM RECLUSÃO

Permitam-me começar por agradecer o convite endereçado ao Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa, para estar hoje aqui presente, bem como me congratular por esta iniciativa, onde nos encontramos para falar sobre motivações e preocupações comuns.

Gostaria ainda de cumprimentar os restantes colegas que integram esta mesa de debate, bem como todos os presentes.

A temática da parentalidade tem vindo a assumir um lugar de relevo, no interesse de diferentes disciplinas do conhecimento, incluindo a enfermagem. Sabemos contudo, que não se trata de uma preocupação tão recente para os enfermeiros, já que constatamos o quanto a nossa história nos retrata um percurso de atenção e estudo relacionados com esta área.

Em termos pessoais, este tem sido para nós, um foco de atenção muito relevante, correspondendo ao desenvolvimento de um caminho de estudo no âmbito alargado da intervenção de enfermagem à criança e família.

Consideramos que o fenómeno da parentalidade se reveste de diferentes e relevantes elementos, e como tal plenos de pertinência para o seu estudo mais aprofundado.

Neste sentido, reconhecemos sem qualquer restrição, que na actualidade, são muitos os aspectos no âmbito da parentalidade já estudados e aprofundados, mas constatamos que muitos outros continuam por investigar.

Partilhamos então, a opinião de diferentes autores quando consideram que:

"O fenómeno da parentalidade não está suficientemente explicado na literatura de enfermagem." (Gage,J.,Everett, K.,Bullock,2006; Secco.L.,Moffatt,M., 2003)
pelo que

"Torna-se necessário fazer mais investigação a fim de dotar os enfermeiros de uma maior compreensão acerca de como a parentalidade afecta a saúde dos indivíduos e famílias." (Gage,J.,Everett, K.,Bullock,2006)

Estamos seguros de quanto o comportamento parental, aspecto crucial para um adequado desenvolvimento da criança, pode ser influenciado por diversos factores, dos quais se salientam os factores da personalidade da mãe, a rede de apoio social e o contexto social em que a relação mãe-criança está inserida. (Belsky, 1984).

Assim, reconhecemos muito precocemente que o contexto de reclusão feminina poderá encerrar problemas muito particulares, nomeadamente o desempenho do papel maternal, já que não só a reclusa mas também a criança e a interacção entre ambas, são inevitavelmente influenciadas pelo meio prisional em que estão inseridas.

As mulheres reclusas podem apresentar muito frequentemente diversos factores capazes de interferir directamente no seu comportamento parental, destacando os factores da personalidade e do estado psicológico, a destruturação familiar, a rede social de apoio, entre outros.

Em simultâneo, não pudemos ignorar que também aqui, junto destas mulheres e crianças se encontram enfermeiros, que de forma contínua se ocupam da sua assistência, fazendo-nos pensar que os seus cuidados poderão influenciar o processo de desenvolvimento da maternidade neste contexto.

A maternidade em reclusão, surge então como um enfoque que suscita o nosso interesse, fortemente influenciado pelo facto de não conhecermos produção de conhecimento da disciplina de enfermagem relativamente à problemática específica em estudo.

Encontramo-nos numa fase bastante inicial do estudo, na qual nos propusemos explicar o processo de desempenho do papel maternal em contexto de reclusão.

Neste sentido, e correspondendo a uma etapa exploratória da investigação, procedemos á realização de entrevista semi-estruturada a mães reclusas com filhos a seu cuidado, num estabelecimento prisional do Norte do País. A entrevista situou-se em questões muito abertas relacionadas com os aspectos fundamentais contidos na definição de Parentalidade, proposta pela CIPE (V.1, 2005).

Foram entrevistadas catorze mulheres, que de forma esclarecida consentiram em participar no estudo. Não obtivemos autorização institucional para a gravação áudio, pelo que foi feito o registo manuscrito (possível) das mesmas. Os dados recolhidos, foram apenas sujeitos a uma leitura flutuante e a uma análise preliminar, não tendo ainda sido alvo de nenhum outro tratamento mais aprofundado.

Assim, o que hoje gostaríamos de partilhar convosco, prende-se essencialmente com aquela que tem sido, a vivência tão particular, que temos tido a oportunidade de experienciar, no encontro com estas mães ... - **Os testemunhos que escutamos são poderosos e fazem-nos reflectir muito enquanto enfermeiros, mas muito também enquanto pessoas.**

Na realidade, partimos para estes encontros, e como é frequente, imbuídos de muitas expectativas, mas também de algumas percepções ou mesmo convicções, sobre vários aspectos, que poderemos desde já assumir, muitos não se verificaram.

Encontramos um ambiente acolhedor, de mulheres que muito afavelmente quiseram partilhar connosco as suas experiências, medos e angústias, mas também as suas alegrias e projectos.

É certo, que foi frequente a constatação de que estávamos perante situações muito complexas, por um lado uma proveniência materna com baixo índice sócio-cultural, á qual fortemente se associa a desestruturação familiar, onde podemos destacar entre outras, a reclusão ou fuga de outros membros da família, incluindo o pai, a existência de outros filhos, do mesmo ou de diferente progenitor entregues a familiares ou instituições, bem como o consumo de substâncias psicoactivas, são realidades que ocupam um lugar muito constante no percurso de vida destas mulheres.

De igual modo, verificamos como extremamente relevante todas as regras que regem a dinâmica prisional, e que percebemos poderem influenciar e condicionar os comportamentos e cuidados maternos dedicados às crianças.

Mas, por outro lado, não deixamos de verificar, que também estivemos presentes junto destas mães, que como tantas outras, amam e protegem, preocupam-se e têm dúvidas, entregando-se ao cuidado dos seus filhos.

Porém, não pudemos deixar de atentar com inquietação, que ainda assim, para muitas destas crianças, o ambiente prisional é, provavelmente o único meio que conhecerão num período fundamental da sua vida, em que sabemos o quanto a qualidade das experiências vividas nos aspectos cognitivo, social e afectivo, se torna crucial.

Dando voz ao que ouvimos, emergem algumas situações, que pudemos com alguma regularidade, obter dos testemunhos:

Desde logo, uma primeira constatação com a qual nos confrontamos, prende-se com a decisão das mães, de **acompanhamento em reclusão pelos seus filhos**. Esta configura-se bastante dual, já que testemunhamos diferentes entendimentos para esta questão:

" o lugar dele é comigo, com a mãe, ninguém é melhor para ele do que eu..."

" nem posso pensar que ele pudesse chamar mãe a outra pessoa"

" acho que ela estava melhor lá fora... mas tenho os outros filhos...e era muito pesado para a minha família"

" não sei se é bom para ele estar aqui...do que se vai lembrar"

Ouvimos também, e com bastante frequência, expressões que evidenciam sentimentos de **culpa por sujeitar os seus filhos á prisão**.

" ...ele não tem culpa nenhuma em estar aqui..."

"...quem errou fui eu, e não ele."

"...só me custa estar aqui por ele, que não tem culpa das asneiras da mãe"

No entanto, e em paralelo, foram outros tantos os registos, que evidenciam ser a presença dos filhos na prisão o **suporte das mães para a reclusão**.

"...ela dá-me força."

" ajuda-me a passar o tempo e a não fazer asneiras..."

" se não fosse por ele, não sei se aguentava..."

Uma outra percepção que pudemos verificar, prende-se com a **dificuldade em desempenhar o seu papel de mãe**.

" eu trato deste filho como dos outros, mas há coisas que eu não posso fazer...não cozinho para ele ...não escolho as roupinhas, e se fosse lá fora dava-lhe outras coisas..."

" é muito difícil ser mãe aqui...não podemos entretê-los como se fosse lá fora...quase não temos brinquedos...as celas são muito pequenas para os dois"

"é sempre diferente...gostava de lhe fazer comida, porque as crianças precisam de outras coisas...de uns maminhos"

" é o meu primeiro filho...e não tive quem me ensinasse algumas coisas"

" tive o meu filho internado e só podia visita-lo uma hora por dia"

No entanto, também existiram os relatos compatíveis com um **desempenho do papel maternal sem dificuldades**

" trato deste filho como dos outros...faço-lhe tudo"

" a minha vida é tomar conta dele"

" acho que cuido dele como se estivesse lá fora, porque quando se tem amor a um filho não importa onde estamos...fazemos o que for preciso

" aqui o tempo é todo para ele...até tem mais mimo do que os outros tiveram"

Gostaríamos ainda de salientar as dificuldades específicas, que percepcionamos serem vividas pelas **reclusas estrangeiras**. Na realidade, esta é uma situação muito frequente e bastante particular, na qual estas mães se vêem confrontadas com diversos constrangimentos, como podemos inferir dos seus testemunhos.

" para as estrangeiras é mais difícil com os filhos...é tudo diferente...a língua...a comida...

" tem sido difícil ser mãe aqui...estamos longe de tudo e de todos...as crianças não podem ver nem sair com outras pessoas da família..."

"...no início não me percebiam e eu também não os percebia...e ainda agora às vezes é difícil.

" quando o meu filho nasceu...foi uma guarda que a vestiu...pois não tinha mais ninguém"

Estes foram apenas alguns dos muitos, e que seriam igualmente importantes, registos que obtivemos, afigurando-se no entanto impossível não só fazer-lhes maior referência, mas também principal e lamentavelmente, conseguir transparecer aqui de forma real, todo o contexto vivenciado por nós nestes momento de escuta.

Na realidade, fomos confrontados com histórias de vida absolutamente ímpares, às quais fomos incapazes de ficar indiferentes.

Consideramos assim, que estamos perante uma experiência muito particular de maternidade, onde as necessidades e as competências maternas, são fortemente influenciadas por múltiplos de factores, de origem pessoal, social, institucional, entre outros, tornando-se perceptível o seu determinismo no exercício do papel maternal em reclusão.

Neste momento, e após uma primeira fase do nosso estudo, encontramos-nos:

- por um lado, mais convictos de que o contexto de reclusão se apresenta como uma situação de risco para a mãe, para a criança e mais especificamente para o desempenho do papel maternal, e
- por outro fortemente empenhados, não só no seu mais completo esclarecimento, mas também e principalmente, no contributo que a assistência de enfermagem poderá representar neste processo.

Em alusão ao tema deste congresso:

Estamos perante um real DESAFIO ao qual nos comprometemos a dar uma RESPOSTA

Muito obrigada pela atenção